

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

O sentido da palavra "liberdade"

Sem interrupção se pronuncia esta palavra; pronuncia-se sempre: de manhã á noite e de noite até de manhã. E' a actualidade diaria da conversação, do jornal e do livro.

Sómente até agora tem havido esquecimento em a definir. Todos os que a empregam, lhe dam um sentido diferente; eiz a razão por que ella por si só construiu uma torre de Babel.

Que quer dizer a palavra *liberdade*? Creu-se que ella significava: *licença de fazer o mal*; mas o que significa é: *licença de fazer o bem*. Ha mais de cem annos que têm havido grandes morticínios por se não ter feito esta simplez nota.

A palavra *licença* vem da palavra *licet*, é licito, permitido. A licença de fazer o mal é a licença de opprimir alguém; porque o mal é por sua natureza oppressor. A licença dada a João de opprimir a Iago contituirá a escravidão de Iago e ainda por cima, a escravidão de João, porque todo o homem que faz o mal, é escravo do mal que faz.

A licença de fazer o bem é a licença dada a João de livrar a Iago, de o tratar, de o instruir, de o sustentar e vestir. E' a liberdade de Iago e ao mesmo tempo a liberdade de João: porque todo aquelle que livra, é duas vezes livre.

E' tam profunda a confusão, que a soberania e a liberdade apresentam-se como duas inimigas. Ora sam ellas duas amigas absolutamente inseparaveis. A soberania é a condição necessaria, rigorosamente necessaria, infinitamente necessaria da liberdade. Esta lucta dos povos pela liberdade e dos governos pela auctoridade vem, com mil outras desgraças, dessa confusão, dessa ignorancia em que se vive a respeito da liberdade.

Sem governo, João opprime a Iago, e eiz-ahi o estado selvagem. O mais forte opprime o mais fraco, eiz-ahi a selvajaria, que é a tyrannia absoluta. Ou, melhor ainda, a comunidade opprime o individuo, e eiz-ahi a barbaria, que é uma outra forma de escravidão.

O governo é o protector, o guarda, o pae e o conservador

da liberdade. Elle é que deve proteger o fraco contra o forte; elle é que deve dar a cada um a liberdade de se desenvolver plenamente, sem prejudicar a liberdade do seu vizinho.

E' o governo que sustenta a liberdade do individuo. O governo é que a protege contra as tentações de dentro e os ataques de fóra. E' o governo que protege a liberdade contra a oppressão de cada um, que é a selvajaria, contra a oppressão de todos, que é a barbaria.

E' o governo que estabelece a liberdade, isto é, a civilização; porque só ha tres sociedades possiveis: selvajaria, barbaria e civilização. A liberdade de fazer o mal produz a selvajaria e a barbaria. A liberdade de fazer o bem gera a civilização.

Que é a justiça? E' o obstaculo á liberdade do mal. Que é a perseguição? E' o obstaculo á liberdade do bem.

Parece-me que até uma creança comprehenderia esta verdade tam profunda e tam evidente, e, se os homens quisessem entender-se, mudaria a face do seculo. Abraçar-se-hiam a auctoridade e a liberdade. A paz seria feita.

Quisera eu que todo o mundo lesse este artigo e me fizesse o favor dum minuto de attenção. Dai a esta verdade a decima parte do tempo e da attenção que dais a um cavallo que corre a ganhar um prémio, e mudar-se-ha a face do seculo.

Trad. de Ernest Hello por

P. A.

Sciência Theológica

Missas por vivos ou por defuntos?

2.ª Parte. Ninguem duvida de que o fructo satisfatório do Sacrificio pôde aproveitar ao vivo, assim como aproveita ao morto, e livrá-lo das penas do Purgatório: mas a questão é se aproveitará mais ao vivo do que ao morto?

A solução, sob diverso respeito, é de todo favoravel ao vivo. Porquanto a Missa, como propiciatória, remitte os peccados e as penas: os peccados, causando de algum modo e concorrendo *ex opere operato* para se obter a remissão dos peccados mortaes, a justificação do peccador e a primeira graça, mas não immediatamente, como os sacramentos do Baptismo e da Penitência; e as penas, ten-

do por sua instituição virtude satisfativa para remittir por si e directamente a pena temporal devida pelos peccados mortaes e venias já remittidos dos fieis vivos e defuntos, os quaes últimos não podem ser favorecidos senão pela remissão directa das penas. Assim o testemunha o Concílio Tridentino, quando ensina que «pelo mesmo (Sacrificio) se faz que, se com sincera intenção e recta fé, com temor e reverência, contritos e penitentes nos aproximarmos de Deus, alcancemos misericórdia e achemos graça em auxilio opportuno. Porque Deus, aplacado com esta oblação, concedendo a graça e o dom da penitência, perdôa os crimes e peccados, ainda que muito grandes...»; e pouco abaixo accrescenta: «muito bem se offerece, segundo a tradição dos Apóstolos, não só pelos peccados, penas, satisfações e outras necessidades dos fieis vivos, mas tambem pelos defuntos ainda não inteiramente purificados» (Sess. XXII, cap. II).

Ora quem não vê que mais é remittir peccados e penas, do que só o reato da pena, e que, por consequente, de maior valor é o Sacrificio pelo vivo, a quem remitte uma e outra coisa, do que pelo defunto, a quem só remitte a última?

«E' certo» diz o illustre Peronne (Tom. II, *De Eucharistia*, n. 232) «que aos defuntos se não remitte por este Sacrificio, senão a pena temporal, e que a Missa só lhes aproveita por modo de suffragio, isto é, segundo a Deus aproveitar accetá-la por elles. Donde se infere que o effeito deste Sacrificio não é tam certo para comos defuntos como para com os vivos.» E, pelos mortos, o fructo satisfatório não pôde augmentar *ex opere operantis*, sendo que só sam capazes passivamente, ao passo que a oblação pelos vivos é satisfatória segundo o grau da sua devoção (S. Thom., 3, quaest. 79, art. 5), e portanto o fructo expiatório é tanto mais abundante *ex opere operantis*, quanto maior é a disposição e devoção pessoal e meritória.

Alem disso, aquelle que manda celebrar Missas estando ainda vivo, abandona de facto uma certa quantidade de dinheiro para a celebração dellas, e de algum modo se despoja desse dinheiro por Jesus-Christo: o que tende inchoativamente para a perfeição evangélica e é muito meritório. Porém aquelle que determina que esse dinheiro seja applicado para allivio de sua alma depois da sua morte, esse de nada se despoja effectivamente, mas é despojado, embora para um fim óptimo: mas quanto é isto, da parte de si, menos meritório! Ahi está Santo Anselmo, pelo qual S. Leonardo de Porto Mauricio declara ter sido dito: «Ouvir devotamente uma so Missa na vida, ou dar a esmola para ella, aproveita mais do que deixar dinheiro para serem celebradas mil depois da morte» (Cf. *Ami du Clergé*, anno 1890, pag. 228; anno 1892, pag. 760). Desconte-se quanto se quiser no

modo que esta expressão tenha de oratória: ficará sempre de pé que aquelle santo Doutor recommenda grandemente o mérito da Missa pelo vivo maior do que pelo defunto, postas todavia as necessárias circunstâncias, isto é, as devidas disposições.

Nem se diga que o Sacrificio aproveita mais ao defunto, porque verdadeiramente lhe aproveita não só como satisfatório, mas tambem como impetratório, segundo se collige da praxe da Igreja; a qual por elle ainda ora no segundo *Memento*, depois da consagração, certamente só por causa do fructo de impetração, sendo que então já está feita a applicação e distribuição da satisfação *ex opere operato*: porque pelo vivo tambem se impetra o fructo do mesmo género—além do fructo satisfatório que, no caso, lhe é applicado *ex opere operato*—e própria-mente se implora no primeiro *Memento*, antes da consagração, porque ahi a Igreja ora *pro quibus tibi* (Clementissime Pater) *offerimus* sem prejuizo do fructo que o próprio vivo pôde merecer *ex opere operantis*; o qual o defunto não pôde grangear no Purgatório, onde só pôde *satis pati*, mas não *satis facere*.

Como quer que seja, se é licito emitir a nossa opinião, julgamos melhor deixar tambem algumas Missas para serem celebradas depois da morte. Isto é mais conforme á praxe commun e tambem á nossa utilidade bem entendida. Porquanto o fructo satisfatório não se applica senão a um sujeito capaz ou constituído em graça, e até se restringe aos peccados já remittidos: por onde, celebradas as Missas emquanto o homem está vivo, resta pelo menos a pena pelos venias anteriormente não remittidos e tambem pelos peccados depois commettidos até à morte; e portanto o vivo mais seguramente apressará a sua entrada no ceu, mandando celebrar Missas emquanto está vivo, e reservando algumas para as outras penas, em que possa incorrer no resto da vida.

(Conclue).

P. J. L. LEITE DE FARIA.

Providências ecclesiásticas

O Ex.^{mo} Arcebispo Primás acaba de publicar as duas seguintes opportunissimas Portarias, cujo cumprimento deve cohibir muitos males e produzir abundantes bens.

«Tendo-Nos sido representado por pessôas sensatas e tementes a Deus que de algumas solemnidades religiosas prolongadas depois de anoitecer no recinto das igrejas desta Nossa cidade e Arcebisado costumam resultar graves inconvenientes para a moralidade e até se têm dado alguns factos escandalosos:

Havemos por bem declarar a

todos os M. Reverendos Vigarios Geraes e Arciprestes e aos Rev. Parochos, Capellães de Ordens Terceiras, Confrarias e casas religiosas que de hoje em deante, sob pena de procedimento, prohibimos que nas igrejas e capellas públicas do Nosso Arcebisado possam prolongar-se além de meia hora depois do pôr do sol os actos de piedade e devoção como *novenas*, *triduos*, *mêses de Maria*, do *S. Coração de Jesus* e outros, *missões* ou *exercícios espirituaes ao povo*, excepto as pregações ou conferências sómente para homens. Os Reverendos Parochos e Capellães terão o maior cuidado em começar as solemnidades de tarde a hora que possam concluir-se no tempo marcado por esta Nossa Portaria.

Os Reverendos Parochos dar-Nos-ham parte das infracções commettidas pelos Capellães nas suas freguesias.

Esta Nossa Portaria, depois de registada, seja remittida aos Mui-to Reverendos Vigarios Geraes e Arciprestes, e aos Reverendos Parochos, que della darám conhecimento aos Capellães das capellas públicas da sua freguesia, para todos darem inteiro e prompto cumprimento ao que houvermos por bem ordenar.

Paço de Braga, 5 de Janeiro de 1906.

† Manuel, Arcebispo Primás.

Monsenhor Francisco Xavier da Cunha, Conego Secretario.

«Tendo-Nos a experiencia de varios annos de governo desta Archidiocese demonstrado que para acertada escolha dos aspirantes a beneficios parochiaes não basta que elles tenham sufficiente virtude e instrução propria do cargo, que pretendem desempenhar, mas sam quasi indispensaveis provas práticas de aptidão especial, para o exacto cumprimento das diversas obrigações, que tornam entre nós hoje em dia bem difficil e complexo o ministério parochial:

Havemos por bem ordenar que desde o primeiro de Julho do corrente anno em deante os presbyteros, que pretendem ser admittidos a concurso por provas publicas, instruem os seus requerimentos com os documentos até agora exigidos (Carta de Ordem de Presbytero, licença de celebrar, confessar e pregar, attestado de serviços prestados á Igreja e ao Estado, attestado de vida e costumes passado pelo M. R. Arcipreste, folhas corridas no Juizo ecclesiastico e no criminal civil) e mais com a Carta de Encomendação junta com attestado do M. R. Arcipreste que mostre ter tido effectivo serviço como Encomendado ao menos durante *um anno*, ou Carta de coadjutor ou cura com equal attestado, que mostre ter tido effectivo serviço durante *dois annos*. Os documentos da effectividade do serviço parochial não serão exigidos aos requerentes,

A Restauração

que tiverem sido empregados ao menos durante um anno na Nossa Secretaria, ou na Camara ecclesiastica, ou em algum dos Seminarios diocesanos.

E para constar Ordenamos que esta Nossa Portaria, depois de registada, seja publicada na forma do estylo.

Paço de Braga, 5 de janeiro de 1906.

† Manuel, Arcebispo Primas.

Monsenhor Francisco Xavier da Cunha, Conego Secretario.

O clero francês (1)

I

Entre nós tornou-se vulgar, desde longa data, a crença em que o clero francês era um dos mais illustrados e zelosos de todo o mundo. Eu fui creado com esta crença e nunca encontrei quem ma contrariasse.

«O clero francês, esse sim é um clero que se impõe pelo seu saber e virtude. Quem nos dera que o nosso fosse assim». Eiz-aqui o que eu tenho ouvido dizer muitas vezes. E neste bom conceito que faziamos do clero francês envolviamos não só o clero parochial, mas também o episcopado. «Os bispos franceses, é que sam corajosos e destemidos! Se nós tivéssemos assim uns bispos!» Isto sam exclamações que nós temos ouvido dezenas de vezes! E ao mesmo tempo que fazemos ou ouvimos estas exclamações admirativas, citamos ou ouvimos citar um ou outro exemplo em confirmação do nosso juízo. O facto é que entre nós pegou de raiz a lenda de que o clero francês é muito illustrado e muito zeloso. Sim, é uma lenda. Não se espante o leitor com a minha asserção, porque resulta da consideração atenta dos factos. A' face dos acontecimentos que nos ultimos annos se têm desenrolado em França, não posso fazer já o lisonjeiro conceito que até agora fazia do clero francês. Hoje para mim o clero francês não vale mais que o clero doutros países, e até vale muito menos que o dalguns em particular. Pelos fructos se conhece a arvore e pelas obras se conhece o homem. Se o clero francês fosse tam illustrado e zeloso, como por ahi se dizia e diz á bocca cheia, a França não chegaria ao estado de decadencia religiosa em que agora a vemos.

O clero francês deixa muito a desejar sob o ponto de vista da illustração e do zelo. Eiz-aqui uma verdade, triste verdade sim, mas que não podemos deixar de aceitar, se attentarmos bem nas dolorosas calamidades que pesam sobre a França. Se o clero tivesse cumprido o seu dever, a França não teria resvalado em tantas desgraças. Ou havemos de admittir esta conclusão, embora nos desagrade, ou então havemos de admittir outra, que é muito mais repugnante: isto é, que o apostolado sacerdotal, ainda que exercido com grande illustração e verdadeiro zelo, é uma coisa inutil e inefficaz. Se o clero com o seu tam gabado zelo e illustração não pôde obstar á calamidade da separação, muito menos poderá reparar os males que dahí advirão, porque sempre foi mais facil conservar que reedificar.

(1) Este artigo, e os que, sob a mesma epigraphe, se lhe seguirám, já foram publicados em *A Palavra*, pelo nosso illustre collaborador.

R.

O sapientissimo Pontifice Leão XIII, que tinha uma vista de longo alcance, previu claramente a tremenda derrocada que ameaçava a Igreja em França, se os catholicos franceses não se unissem para a conjurar, emquanto era tempo. Por isso numa importantissima carta se dirigiu, em 16 de fevereiro de 1892, aos bispos, clero e catholicos de França, expondo-lhes a vasta conspiração que alguns homens formaram de aniquillar em França o christianismo, e a animosidade que empregavam em proseguir a realização desse designio. Ahi os preveniu de que, se a separação da Igreja e do Estado é toleravel nalguns países, em França, nação catholica por suas tradições e pela fé presente da grande maioria dos seus filhos, a Igreja não deve ser posta na precaria situação que soffre noutros povos. Exhortou instantemente não só os catholicos, mas também todos os franceses honestos e sensatos a repellir para longe todo o germe de discordias politicas, afim de consagrarem unicamente as suas forças á pacificação da sua patria.

«Pobre França! exclama o grande Pontifice num arranco de dôr; só Deus pôde medir o abysmo de males em que cairia, se essa legislação, longe de melhorar, se obstinasse num tal desvio, que viria a dar na eradicção, do espirito e do coração dos franceses, da religião que os fez grandes. E eiz-ahi precisamente o terreno em que, pondo de parte todo o dissentimento politico, os homens de bem se devem unir, como um só homem, para combater por todos os meios legaes e honestos esses abusos progressivos da legislação». Esta carta é principalmente dirigida ao clero francês desde o mais eminente purpurado até o mais humilde presbytero.

O saudoso Pontifice, dirigindo-lhe esta carta e apontando-lhe os males de que a nação enfermava, queria-lhe dizer: vêdes os males que eu acabo de vos apontar; pois está nas vossas mãos remediá-los, se quiserdes; mas é preciso não perder tempo. O meio é a união perfeita de todos os catholicos. «Que consolação para o nosso coração animar-vos neste caminho e ver-vos todos correspondendo docilmente ao nosso apêllo!» Ora o clero não correspondeu ao apêllo do magnanimo Pontifice; e dahí resultou realizarem-se as sombrias previsões de Leão XIII.

Se o clero francês tivesse correspondido ás exhortações e conselhos da Santa Sé, com certeza teria evitado os tristes acontecimentos que ultimamente se deram na sua patria. Se elle na sua maioria tivesse prégado e apostolizado com o exemplo e com a palavra as sabias doutrinas que lhe foram expostas na encyclica de 16 de fevereiro, é impossivel que não tivesse obviado ao agravamento da situação religiosa. De duas uma: ou o clero francês não alcançou os designios dos seus inimigos, que queriam ferir de morte a religião catholica, nem os de Leão XIII, que o prevenia desse perigo, e então temos de modificar o lisonjeiro conceito que faziamos da sua illustração; ou, se os alcançou e não procedeu em conformidade com o que as circunstâncias exigiam, fica prejudicado o seu zelo.

Daquí não ha que fugir. Não posso comprehender que, se o clero em geral cumprisse o seu dever com zelo illustrado e prudente, numa nação cuja maioria ainda é catholica, não exercesse uma profunda influencia no sentido de se modificarem as tendencias separatistas dos governos. Vê-se agora, pelos resultados, que a illustração e o zelo do episco-

pado francês e do seu clero estão muito longe do que nós suppunhamos.

AFFONSO.

Carta do Porto

Alguns annos ha já que a nossa irmã e nossa vizinha, a nobre Hispanha, é minada por uma terrivel doença organica que, por mais que ella tente disfarçar, todos lha adivinham ao primeiro lance de olhos. Soffreu, com grande magua, algumas operações externas que lhe deminuiram muito a belleza de que era dotada. Os Estados-Unidos da America do norte foram o cirurgião.

Cuba, S. Domingos e Philippinas, sam tres dentes arrancados a ferros á bella Hispanha. A sua politica interior, talvez a causadora de todos os seus terribes incommodos, não tem egual hoje entre as nações civilizadas. Os politicos devoram-se uns aos outros. Parece não ser isso filho de ambições nem despeitos, mas originario duma confusão semelhante á da historica Babel.

Em Hispanha ninguém, absolutamente ninguém se entende. Da falta de comprehensão mútua, resulta sempre a agitação na discussão, a indecisão na determinação, um sobresalto constante pelo futuro. Um trabalho fatigante, sem ordem nem methodo, que aborrece e enjoa, tem continuamente levado a pedirrem a demissão os gabinetes ministeriaes que a curto prazo sobem aos conselhos da corôa.

A Hispanha, não sabemos por quê, cheira a cadaver.

Um dos corvos que primeiramente conheceu e denunciou este cheiro caracteristico, foi o inglês lord Salisbury, que antes da guerra de Cuba, disse que a Hispanha era uma nação moribunda.

As nações prepararam-se para tomarem a parte que lhes houvesse de tocar no espolio. E, como sempre, as mais ricas foram as mais apressadas; e, levando em conta a presteza com que andaram e quanto era devido á sua dignidade, talharam por largo o seu quinhão. A França e a Inglaterra brincavam em boa camaradagem com Marrocos, talqualmente o gato faz, na sua abundancia, com o pobre ratinho que lhe caiu nas unhas.

A Hispanha tinha sido a senhora do rato Marrocos, e, como estava bem senhora delle, achou graça em exhibir a sua brincadeira deante das suas irmãs França e Inglaterra. Mas estas, obedecendo ao sentimento natural que têm todos os gatos ao verem um rato, não se contentaram em destructar o espectaculo; quando a Hispanha menos o pensava, as duas estendiam também a sua mão a fazerem mexer o rato. A Hispanha achou pouco delicado o procedimento das suas irmãs, mas por prudencia e por falta de força resolveu dar-lhes sociedade.

Não havia pressa para o festim, porque havia outros negocios urgentes a tratar e a presa era certa. Este cálculo porém falhou, como têm falhado tantos outros.

O Imperador da Allemanha é um visionario que sonha constantemente com grandezas. As suas relações com as potencias esfriavam de dia para dia. E elle, furioso pelo isolamento em que o queriam deter, resolveu-se um dia a mostrar ao mundo que a melhor fabrica de canhões existe no seu país. Era rei e imperador, e esta distinctissima posição na sociedade dava-lhe direito ao convívio com chefes de estado.

Metteu-se num cruzador e deu as suas ordens de manejar para Vigo. Chegado ahi, segredou ao ouvido do rei de Hispanha que a França e a Inglaterra eram suas inimigas; que elle imperador, tam-

bem se achava melindrado pelo seu porte, e que por isso, fazendo os dois alliança, poderiam afugentar o commum inimigo.

O rei de Hispanha conhecia o estado de fraqueza em que se achava a sua nação, e a pretexto de convalescencia despediu sem mais o regio hospede. Este porém, que não tem o seu país enfermo, pensou novamente: «Acompanhado ou só, eu preciso de dizer ás potencias que existo, que tenho direito a conservar a vida e até a prolongá-la muito.» Eiz o cruzador de guerra novamente de caldeiras accesas, e elle ahi vem a Lisboa. E quando todos procuravam uma razão para a honra da sua visita, diz elle na Sociedade de Geographia: «Portuguezes, se virdes as vossas colonias em perigo, lembrai-vos da boa amizade que hoje temos, e que somos vizinhos em Africa.»

Todo o mundo ficou a saber a que deviamos a honra da sua visita. E de Lisboa marchou a Marrocos a visitar o imperador e a dizer-lhe: «Imperador, quereis um amigo que vos ajude a alijar o jugo dessas nações que vos opprimem? Apertai esta mão.»

As nações viram o perigo, porque elle era bem visivel; mas já era tarde. Propuseram então uma conferencia onde simulassem firmar a paz, mas é bem mais propria para a guerra. Essa conferencia vai realizar-se em Algeciras, em Hispanha; mas sam tam manifestos os propósitos de paz, que a França, a Inglaterra e a Allemanha mandam para as suas aguas cada qual a sua esquadra!

Terá a Hispanha a triste glória de ser dentro della que se dê a conflagração europea?

R. L.

A Mouta

(Não é romance)

...O que nos mata é não haver quem tenha a coragem de dizer a verdade toda, seja a quem for e seja onde for.

P. PAULINO AFFONSO.

(Continuado do n.º 100)

Mas quem é este senhor Gervasio Lucas, que nos dá a perceber na *Mouta* uns resentimentos mesquinhos contra individuos e agremiações até?

Qual o intuito do escriptor desconhecido, do critico anonymo, que, nestes artigos, põe o subtítulo *não é romance*, e, afinal, vai desfiando coisas fabulosas: desde uma velha solitaria e pellagrosa, em uma casa esburacada aberta ao temporal, num recanto duma aldeia, soffrendo martyrios de fome, morrendo, por fim, á fome e ao abandono como um cão vadio, até ao hospital da Misericórdia empedernido, impassivel perante a doença e a desgraça evidentissima da heroína; e ainda até á familia da mesma, vivendo confortada e commodamente, em condições sufficientes para alliviar a infeliz — de mais a mais fruindo regaladamente o que á desditosa pertencera, mas imperturbavel perante aquella miseria, deixando apodrecer viva a desditosa, com indiferença de corações de pedra e almas de argamassa e cal?

— O auctor deste conto assistiu a scenas desoladoramente commovedoras e veiu contá-las á gente que tem coração para sentir, para amar, para se enternecer.

Deixou-se dito já: a história de desgraças alheias, contada sinceramente, é uma sementeira mais ou menos prolifica de sentimentos bons. Quando mais não seja, deve despertar o remorso na consciencia dos delinquentes... e será um estímulo para a prática das virtudes oppostas aos crimes efficientes da desgraça.

Não sam resentimentos que animam o escriptor, nada disso. Durante um anno, passando disso talvez, ouviu elle suspiros recortados duma ansiedade que semelhava sempre a de um moribundo. Viu lagrimas escaldantes em faces maceradas pela tormentosa agonia da fome e escutou a narrativa das pervidades monstruosas, que se exerceram contra uma victima indefesa—joguetto do temperamento, do meio, da condição, etc.

Vir contar isto não é alarmar as multidões, revolucionar alguém quem quer que seja, armar ao escandalo. Tem-se um fim em vista, — fim nobre, honesto, dignissimo. Contando isto, tem-se em vista dispôr um nucleo bom de cidadãos bemfazejos a fazerem antemural forte e inexpugnável á desdita, á miseria envergonhada, á pobreza que, por um capricho da sorte, não tem a franqueza de estender a mão a ninguém, preferindo a morte a uma humilhação.

Houve um escriptor revolucionario que definiu a esmola assim: *uma perfeita humilhação*.

O que se intenta mostrar, ao fim deste arrazoado, é que ha um meio verdadeiramente caritativo de dar esmola sem humilhar ninguém: meio que dignifica o bemfeitor, porque o eleva aos olhos de Deus, embora o mundo o não conheça, e enobrece o pobre, porque este, ao receber a esmola, sabe que o socorro lhe vem duma sociedade estabelecida sobre os alicerces firmísimos e inabalaveis do Evangelho: *quem dá aos pobres empresta a Deus*. O pobre sabe perfeitamente que os seus bemfeitores, sem serem egoistas (1), matando-lhe a fome e apagando-lhe a sede, o fazem fervorosamente, dedicadamente, porque desejam enthesourar no Ceu thesouros que a ferrugem não consome e os ladrões não roubam.

Mas... deixaram-se ahi atrás umas notas reveladoras de traficancias e mystificações, além do texto.

Não se pretendeu esvumar os crancos mephiticos da sociedade em abstracto. Concretizar se pretende o dessoramento dos caracteres, das consciencias em um logar, em uma circunstância, em um caso —facto em que é limitadissimo o número de personagens.

Sabe-se que da pellagra é symptoma inilludível a fome com sede assás devoradora.

Pois a desgraçada pellagrosa *não bebera nem comera durante tres dias*, noticia com que se alarmou o povoado circunjacente, nas vesperras da morte da infeliz.

Mas como?! A enferma, dominada por uma doença pertinaz—resumida em fome e sede,—passa dias privada, voluntariamente, de sustento, e é uma pellagrosa?!

Explica-se; um cunhado da pobre ingenua conseguiu subornar um tabellião, ludibriar a desgraçada nos seus dias de contente satisfação e, —ladino surrateiro,—apanhar-lhe a doação da propriedade, cujo valor atraz se referiu.

Ha peripecias repugnantes—abstractas e indignissimas falcatrúas—para a realização do projecto indigno.

Não as descrevo. Ha dellas testemunhas cheias de probidade, pessoas incapazes dum falso testemunho. E todos os dias ahi se vê o mesmo desdem pela justiça, o mesmo escarneo á lei. Fazem-se testamentos, assignam-se documentos importantissimos, já paralyzada para sempre a mão do testador, falsificando firmas e sophismando e falsificando também documentos.

(Continúa).

GERVASIO LUCAS.

(1) Pôr em prática os meios conductes ao nosso fim último, para que irresistivelmente tendemos, não é sermos egoistas.

CURIOSIDADES

Trese.—Nova-York possui um club anti-supersticioso, o *Club dos Trese*. Houve lá no verão um grande jantar. Os convidados foram recebidos por uma comissão composta de trese membros. Só havia trese mesas, tendo cada uma a forma dum esquite. Entre os talheres estavam collocados ramilhetes de perpetuas. Nas paredes uns cartuchos representavam cabeças de esqueletos com esta inscripção: "Eu te saúdo, ó morto!". Os convivas antes de se assentarem passaram por debaixo duma escada e, no momento de se pôrem à mesa, o presidente quebrou um copo, de vidro tombou um saleiro, pôs uma faca e um garfo em cruz. Uma orquesta tocava marchas funebres. E' bom combater a estúpida superstição dos trese, mas devem-se respeitar as lembranças da morte.

Escravatura.—A escravatura que já ha muito foi abolida de direito, ainda se pratica mais ou menos encapotadamente em alguns países, o que é uma vergonha e não se devia tolerar. Os jornaes de Batavia, Java, publicavam ha meses este annuncio: "Entrega pelo mais baixo preço: bons bois de jugo de Madura; magnificas cabeças de açougue de Madura; *trabalhadores jovens, sadios e bem feitos de Java-Este*, homens e mulheres a 60 gulden (123 francos) franco Belarvan; cavallos de sella e de carro da ilha Rothi. Recommendo-nos á vossa benevolencia: H. Leecksma Kzn Soeragaia. Nós entregamos trabalhadores jovens, sadios e bem feitos de Madura, Java, das ilhas da Sonda, assim como chinêses. Encarregamo-nos tambem de executar todas as encomendas de gado de jugo e de açougue.. E' revoltante.

Bibliotheca.—No estado de Wisconsin (Estados-Unidos) os casaleiros gostam muito de ler. Para seu uso creou-se uma bibliotheca circulante que funciona assim: em cada nova estação um vagão cujo interior é fornecido de raios supportando livros de titulos variados, pára junto das granjas e os habitantes avisados por uma campainha, saem para fazer a sua escolha. Tres meses depois reaparece a carruagem que recolhe os livros lidos e fornece outros novos.

Canal.—Está definitivamente projectada uma empresa que será fecunda em consequencias. Trata-se dum gigantesco canal destinado a ligar o mar Negro ao Baltico. O governo russo accetou o traçado e é de suppôr que a obra comece na primeira occasião favoravel. O custo do canal que deve ter uns 2800 kilometros de comprimento, será dum bilião, somma que será paga pelas dezeseite cidades atravessadas pelo canal, entre as quaes Kieff, Kherdon, Riga, Mohileff, etc. A largura do plano da agua do canal será de quasi 40 metros e a profundidade de 10 metros, o que permittirá aos maiores navios de guerra percorrê-lo.

Negros.—Andam muito mal vestidos os pobres pretos dos Estados-Unidos. Em razão dos maus tratos de que sam objecto, é facil comprehender que um grande numero delles experimentam o desejo de se metamorphosar em cidadãos mais ou menos brancos. Os negociantes de productos maravilhosos para *fazer branquear* venderam-nos em quantidades phenomenaes. Nenhum epiderme bran-

queou, mas em compensação manifestaram-se graves molestias, occasionadas pelo emprego das drogas. Por consequencia o governo americano deu ordens para lançar ao refugio todos os jornaes que publiquem annuncios ou reclamos a favor dos ditos productos.

Dactylographia.—A machina de escrever faz numerosos adeptos entre as familias reinantes. Entre os dactylographos de nota citemos: el-rei da Grecia, a sua irmã, a rainha Alexandra da Inglaterra, el-rei da Inglaterra. A princesa de Galles é uma dactylographa emerita, nunca se serve de penna. O imperador Guilherme é um dactylographo muito distincto. A princesa Carlos da Dinamarca é uma dactylographa igualmente a sua correspondencia; quanto á princesa Christiana de Dinamarca, irmã do duque de Mecklemburgo, mandou fazer para seu uso pessoal uma soberba machina de escrever, prateada, de teclas de marfim e que foi datada de caracteres gothico e bastardo. A princesa faz a correspondencia do principe seu esposo, assim como a sua, por meio da machina.

Novas machinas fallantes "PATHÉ,"

Em casa do sr. JOÃO GUALDINO encontram-se á venda os melhores phonographos conhecidos da *Casa PATHÉ*.

Sam as machinas mais aperfeiçoadas e que imitam com mais semelhança e nitidez as vozes e as notas musicas.

Para este aparelho tem milhares de cylindros que se vendem aos preços de 450 e 750 reis.

As machinas custam 6\$500, 15\$000, 80\$000 reis, etc.

NOTICIARIO

A^o Ex.^{ma} Camara.—A illustre vereação lembramos a necessidade de obrigar os proprietarios de varios predios da cidade a collocarem caleiros que recolham as aguas dos seus telhados, impedindo-as de cair livremente na rua. Em muitos logares da cidade, onde os proprietarios não têm tomado tal precaução, ficam os passeios—especialmente destinados para o trânsito da gente de pé—inteiramente intransitaveis. Mas nas ruas mais estreitas, que nesta cidade ainda abundam, não fica um palmo de caminho isento do flagello, por onde se possa passar sem perigo de banho forçado.

Esperamos que a illustrada Camara, tendo em consideração a grande utilidade geral dos cidadãos e o insignificante sacrificio dos proprietarios dos predios, se não demore em adoptar uma providencia, que terá o applauso de todos.

«Voz da Verdade».—Entrando em novo anno de vida, mudou de aspecto, com novo typo e nova disposição material, a *Voz da Verdade*. Comprimentando o nosso prezado collega, desejamos que esta data se repita muitas vezes, no meio de todas as prosperidades.

Novena de S. Sebastião.—Principia amanhã, na igreja de S. Damaso, a solemne novena que precede a festa de S. Sebastião, que na mesma igreja se celebrará no proximo dia 21. Em harmonia com a opportuna determinação do Ex.^{mo} Arcebispo Primás (que noutro logar publicamos), a novena não é à noite, como tem sido nos ultimos annos; principia perto das 4 horas da tarde e acaba ainda de dia. Ha exposição e pratica todos os dias.

Aos contribuintes.—Na repartição de fazenda deste concelho recebem-se declarações de todos os contribuintes que tenham por sua conta predios, e as dos proprietarios e usufructuarios. Até ao fim do corrente mês, tambem se recebem declarações de todos os contribuintes que, durante o anno findo, compraram predios, ou por qualquer titulo ficaram do posse delles.

Nas mesmas repartições e até ao fim deste mês, estão em exposição as matrizes prediaes, afim dos contribuintes reclamarem sobre o que tiverem por conveniente.

Asylo de Santa Estephania.—Foram os seguintes os donativos entregues neste asylo durante os meses de julho a novembro do anno findo:

Dos ex.^{mos} snrs. e sur.^{as}: Dr. Henrique Margaride e esposa, 5\$000 reis para o jantar do dia 16 de julho; Anonymo, 2\$300 reis; Condes-

sa de Margaride, 7\$500 reis; D. Maria Sarmento, 5\$000 reis para que as asyladas assistissem a uma missa pela alma de seu esposo; D. Maria da Conceição Menezes, um cesto de peras; Manuel Joaquim da Cunha, 16 colmeiros de palha; Anonymo, uma rosca de pão de ló; Anonymo, um cesto de peras; D. Maria José Leal Sampaio, 5\$000 reis para suffragar a alma de seu marido; Comendador Luis José Fernandes, uma pipa de vinho; Anonymo, 2\$500 reis para suffragar a alma duma pessoa de familia; Anonymo, quatro duzias de linguados; Anonymo, 1\$000 reis; Antonio da Silva Cunha, 50\$000 reis com a obrigação duma missa pela alma de seu paé assistindo as asyladas; Anonymo, tres cestos de uvas; Dr. Henrique Margaride e esposa, um magusto de castanhas, trigo e vinho; Antonio Leite de Castro, 3\$000 reis para ajada do jantar do dia 9 de outubro; Condessa de Margaride, um cesto de maçãs; D. Felicidade de Sousa Junior, um cesto de maçãs; D. Eulalia da Cunha C. e Mello e esposo, uma peça de flanela de algodão e quinze metros de baeta crepe; Condessa de Margaride, dois cestos de maçãs; Anonymo, uma raza de feijão; Anonymo, uma dita de feijão.

«Echos do Vez».—Entrou no terceiro anno da sua publicação este nosso prezado collega, que se publica nos Arcos de Val-de-Vez. Saudando o excellente semanario fazemos votos pelas suas prosperidades, longa vida e acção fecunda.

Bilhetes postaes, illustrados com o retrato do Santo Padre Pio X e vista do palacio e praça do Vaticano, Impressão lithographica a tres tintas, em cartão *couché*, a 10 reis cada um.

Ditos com vistas de Vizella, uma das mais importantes estancias thermaes de Portugal, trabalho nacional e portanto preferivel ao estrangeiro, impressão a preto, nitida e cuidada, em optimo cartão *couché*, com photogravuras de Marques Abreu & C.^a, do Porto, a 20 reis cada um. Por collecção, que consta de 10 exemplares com 13 vistas escolhidas, tem 20 por cento de desconto.

Vendem-se na Typographia Minerva Vimaranesense, rua de Payo Galvão.

Remettem-se pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas e mais 5 reis para porte por cada cinco exemplares.

ANNUNCIOS

O grande batineiro

Antonio Raymundo de Sousa Guise, com *atelier* de alfaiateria á Praça de D. Affonso Henriques, 36 e 38, desta cidade, encarrega-se de fazer batinas com a maxima perfeição bem como toda a qualidade de obra que lhe seja commendada.

Tudo perfeito e por preços modicos.



Officina de encadernação e Papelaria

DE

Antonio Luiz da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na-officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos garantidos e rapidos

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas
POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e Indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrín-douradas	1000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto.

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS
DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis persas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.^o volume com declaração de assignatura receberam a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranesense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, jurídica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO
SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^a, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDDE CATHOLICA DE AGNERS

Vertida em portugues

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Cañonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pontificie" e redactor da "Revista Catholica."

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as atenções dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos meditando a publicação duma obra em que ella fôsse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundeza e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umam eram nimiammente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiammente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em portuguez do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas, lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sômente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual fôr a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrintho de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torná duma urgencia summa, áttentas as circumstancias do nosso tempo. Para tanto não se encontrará compendio mais em condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portugêsa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU